A Era Poética

Quinhentismo

José de Anchieta (1500)

Carta da Companhia

Depois de tudo criado por conto, peso e medida, disse Deus: "Seja formado o homem, como treslado de nossa imagem subida". E criou a Adão, a quem dotou da semelhança divina. Mas foi tal sua morfina, que mui depressa borrou aquela imagem tão divina. Mas Cristo, Deus humanado, glorioso São Francisco, para limpar o treslado, que Adão tinha borrado, pondo o mundo em tanto risco, quis pintar, e consigo conformar a vós, de dentro e de fora, com graça tão singular, que

vos podemos chamar homem novo, em quem Deus mora.

Gregório de Matos (1601)

Soneto VII

Ardor em firme coração nascido! Pranto por belos olhos derramado! Incêndio em mares de água disfarçado! Rio de neve em fogo convertido! Tu, que em um peito abrasas escondido, (*?) Tu, que em ímpeto abrasas escondido, Tu, que em um rosto corres desatado, Quando fogo em cristais aprisionado, Quando cristal em chamas derretido. Se és fogo como passas brandamente? Se és neve, como queimas com porfia? Mas ai! Que andou Amor em ti prudente. Pois para temperar a tirania, Como

Arcadismo (1768-1836)

quis, que aqui fosse a neve ardente, Permitiu,

parecesse a chama fria.

Tomás Antônio Gonzaga (1744)

"Os seus compridos cabelos,
que sobre as costas ondeim,
são que os de Apolo mais belos,
mas de loura cor não são.
Têm a cor da negra noite;
e com o branco do rosto
fazem, Marília, um composto
da mais formosa união.

Romantismo (1836-1881)

Gonçalves Dias (1823)

Minha terra tem palmeiras
Onde canta o Sabiá,
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.
Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.
Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.
Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar – sozinho, à noite –
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.
Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;

Sem qu'inda aviste as palmeiras, Onde canta o sabiá.

Realismo (1881-1902)

Machado de Assis (1939)

Livros e flores

Teus olhos são meus livros.
Que livro há aí melhor,
Em que melhor se leia
A página do amor?
Flores me são teus lábios.
Onde há mais bela flor,
Em que melhor se beba
O bálsamo do amor?

Parnasianismo

XIII - Olavo Bilac

"Ora (direis) ouvir estrelas! Certo,
Perdeste o senso!" E eu vos direi, no entanto,
Que, para ouvi-las, muitas vezes desperto
E abro as janelas, pálido de espanto...

E conversamos toda a noite, enquanto a Via-Láctea, como um pálio aberto, Cintila. E, ao vir do sol, saudoso e em pranto, Inda as procuro pelo céu deserto.

Simbolismo (1893)

Cruz e Sousa (1861)

Alma solitária

Ó Alma doce e triste e palpitante!
que cítaras soluçam solitárias
pelas Regiões longínquas, visionárias
do teu Sonho secreto e fascinante!

Quantas zonas de luz purificante, quantos silêncios, quantas sombras várias de esferas imortais, imaginárias, falam contigo, ó Alma cativante!

Pré-Modernismo

Augusto dos Anjos (1884)

Versos Íntimos Vês! Ninguém assistiu ao formidável
Enterro de tua última quimera.
Somente a Ingratidão - esta pantera -
Foi tua companheira inseparável!
Acostuma-te à lama que te espera!
O Homem, que, nesta terra miserável,
Mora, entre feras, sente inevitável
Necessidade de também ser fera.

Modernismo (1922)

Mário de Andrade

Moça Linda Bem Tratada (1922)

Moça linda bem tratada,
Três séculos de família,
Burra como uma porta:
Um amor.
Grã-fino do despudor,
Esporte, ignorância e sexo,
Burro como uma porta:
Um coió.
Mulher gordaça, filó,
De ouro por todos os poros
Burra como uma porta:
Paciência...
Plutocrata sem consciência,
Nada porta, terremoto
Que a porta de pobre arromba: Uma bomba.